

“Tudo é incerto, menos o amor de mãe”: a construção do feminino numa telenovela brasileira

JULIANA LEME FALEIROS*

Resumo: A novela “Amor de mãe”, centrada na maternidade das três personagens centrais, exibida pela Rede Globo de Televisão, usa como mote de divulgação a frase “tudo é incerto, menos o amor de mãe”. A reprodução da ideologia do instinto do amor materno pelos meios de comunicação, bem como pela novela, é uma questão a ser refletida na sociedade brasileira, posto que meios de comunicação exercem papel fundamental na formação de subjetividades e de acesso à informação. Além disso, esse ideal materno é histórico e funda-se na consolidação do capitalismo no século XIX, momento em que os ideais burgueses se cristalizam na sociedade ocidental. A partir de autores vinculados ao materialismo histórico, como Alysson Mascaro e Joachim Hirsch, este artigo explana sobre o vínculo necessário entre formação do Estado, a construção sexista do mito do amor materno e sua reprodução.

Palavras-chave: Telenovela; Meios de comunicação; Essencialização do feminino; Ideologia; Estado.

“Everything is uncertain, except the love of a mother”: the construction of the feminine in a soap opera

Abstract: The soap opera “Amor de mãe” (mother’s love), focus on the motherhood of the three central characters, broadcast by the Brazilian television network Globo, uses the phrase “everything is uncertain, except the love of a mother” as an advertising motto. The spread of the ideology of the maternal love instinct by the media, as well as by the aforementioned soap opera, is a topic that should be discussed in Brazilian society, considering that media outlets play a key role in the development of subjectivities and access to information. Furthermore, such maternal ideal is historical and takes root in the consolidation of capitalism in the nineteenth century, when bourgeois ideals have crystalized in Western society. Based on authors linked to historical materialism, such as Alysson Mascaro and Joachim Hirsch, this paper elucidates the necessary link between State formation, the sexist construction of the myth of maternal love and its diffusion by the media.

Key words: Soap opera; Means of communication; Essentialization of the feminine; Ideology; State.



* **JULIANA LEME FALEIROS** é Doutora e Mestra em Direito Político e Econômico (MACKENZIE). Especialista em Direito Constitucional (ESDC). Bacharela em Direito (UNIVEM) e Ciência Política (UNINTER). Advogada e professora.

Introdução

A telenovela “Amor de mãe”, exibida na Rede Globo de Televisão entre fins de 2019 e meados de 2021¹, tem como mote de divulgação a frase “tudo é incerto, menos o amor de mãe”. Esse “slogan”, somado às três personagens femininas centrais leva à compreensão de que a narrativa a ser construída está ancorada na naturalização do sentimento materno. No caso brasileiro, telenovelas são apresentadas como entretenimento e, nesse sentido, podem ser compreendidas como produtos culturais de largo alcance e ampla penetração na sociedade, influenciando, inclusive, públicos de outros países, já que se trata de um produto de exportação para algumas empresas de telecomunicação estrangeiras.

Os meios de comunicação de massa têm forte influência na sociedade, sobretudo a televisão. No Brasil, por exemplo, de acordo com a “Pesquisa Brasileira de Mídia - 2016”, 89% da população adquire informação por meio da TV (IBOPE INTELIGÊNCIA, 2016). Ao lado disso, sabe-se que algumas novelas têm trazido questões de gênero, ora discutindo papéis socialmente impostos, ora discutindo violências dos mais diversos matizes; à primeira vista, pode parecer que um produto com essa abrangência tenha potencial transformador. No entanto, ao aprofundar a análise, vê-se que o produto está, na realidade, a serviço da reprodução do *status quo*.

No caso da novela sob exame, identifica-se o reforço de papéis com a essencialização da mulher, justificando o

estudo de “Amor de mãe”. Neste artigo, almeja-se centrar a atenção à questão da construção do feminino reforçada pela mídia, descrevendo aspectos do feminino das três personagens principais do folhetim e analisando o papel da televisão nessa construção na sociedade brasileira. Para esse fim, será utilizado o método materialista dialético, em especial, aquele desenvolvido por Joachim Hirsch e Alysson Mascaro. Para esses autores, o capitalismo demanda cimentos ideológicos, como o nacionalismo, o racismo e o sexismo, que não são fatores exteriores, mas integram a sociabilidade capitalista para a sua manutenção e desenvolvimento. Para enriquecimento do debate, incluíram-se também os estudos de Elisabeth Badinter, em vista de sua compreensão do mito do amor materno, e Maria Rita Kehl, por seu trabalho sobre o feminino.

1. A telenovela “Amor de mãe”: identificação das personagens principais

Com roteiro de Manuela Dias e direção de José Luiz Villamarim, em fins de 2019, a TV Globo iniciou exibição da telenovela “Amor de mãe”, às 21h, horário considerado nobre da mídia televisiva. Para divulgação do produto, a emissora transmitiu vinhetas com falas dos personagens que, em algum momento, repetiam o mote “tudo é incerto, menos o amor de mãe”.

Como de costume, a trama envolve vários núcleos, cujos personagens vão se conectando no decorrer da história. O enredo é centrado em três mulheres: Lurdes, Vitória e Thelma, interpretadas por Regina Casé, Taís Araújo e Adriana Esteves, respectivamente. Para os objetivos almejados neste artigo, é importante traçar as principais características e história de cada uma delas.

¹ A gravação dos capítulos e consequente exibição foram suspensas devido à pandemia. Apesar disso, meses depois as gravações e a exibição foram retomadas, incorporando as alterações que a doença impôs a todos, como uso de máscara e distanciamento social, e finalizadas em abril de 2021.

Lurdes é de Malaquitas, cidade fictícia do Rio Grande do Norte. Enquanto era casada e morava nessa cidade, teve quatro filhos: Magno (Juliano Cazarré), Ryan (Thiago Martins), Domênico, ator não revelado inicialmente, e Érica (Nanda Costa). No dia do nascimento desta última, como o parto não pode acontecer em casa, Lurdes foi para o hospital e, nesse período, o marido Jandir (Daniel Ribeiro), etilista, vendeu o filho Domênico para uma mulher vinda do Sul do país, Kátia (Vera Holtz), que traficava crianças. Indignada ao voltar do hospital e prestes a ser violentada sexualmente pelo marido, Lurdes o empurra e, num acesso de fúria, que só uma mãe capaz de qualquer coisa por seus filhos pode sentir, o mata por acidente; ou melhor: mata por amor aos filhos. Diante dessa situação, Lurdes sai de Malaquitas com as crianças numa carroça e vai em direção ao Rio de Janeiro em busca do menino Domênico. No caminho, encontra uma bebê abandonada, Camila (Jéssica Ellen), que, na sua perspectiva, é o sinal para continuar a busca de seu filho. Ela, agora, tem cinco filhos, um deles ausente.

Algumas décadas depois, já instalada no Rio de Janeiro, Lurdes ainda o busca. Depois de ter contratado investigadores particulares em vão, seguido pistas falsas, entusiasmando-se precipitadamente com a possibilidade de alguns jovens serem seu filho (exames genéticos resultaram negativos), passa a ser ela própria a investigadora. Lurdes representa um perfil de mãe que, mesmo tendo os educado com rédea curta, é compreensiva com os filhos, passando a vida em função deles e de seu sustento.

Vitória, por seu turno, é advogada de sucesso, jovem com uma vida descolada que sonha em ser mãe. Casada, engravida, mas perde o bebê aos seis meses de gestação. Nos capítulos iniciais, ela diz que já é mãe, e que, dado o forte

sentimento materno que possui, só falta o bebê chegar. Com o aborto espontâneo e a crise no casamento, ela se separa e decide adotar um bebê, Tiago (Pedro Guilherme Rodrigues), formando uma família monoparental. Além disso, numa relação casual com Davi (Vladimir Brichta), engravida de uma menina, Sofia. Mas, no decorrer da trama vem à tona um segredo que ela guarda desde a adolescência: Vitória, quando era muito jovem, foi namorada de Raul (Murilo Benício) e, sem contar para ele que estava grávida, rompe o namoro e decide doar o bebê para Kátia, a traficante de crianças. Com esse segredo revelado, Vitória e Raul se aproximam do filho Sandro (Humberto Carrão) e passam a formar um casal e, claro, uma família. Em dado diálogo entre Sandro e Vitória sobre a possibilidade, ou não, de nutrirem afetos depois de tantos anos longe, ela explica que sempre o amou, que tentou reverter o combinado com Kátia, mas não foi possível e que não teve um dia na vida que não pensasse nele.

Vitória simboliza a mulher jovem que é multitarefa, com filhos de mais de um pai, desprendida das coisas materiais e que resiste em receber ajuda financeira dos pais de seus filhos para além do necessário, pois se vê como uma mulher independente.

Thelma, por sua vez, é a figura de mãe sofrida e dedicada exclusivamente ao filho, Danilo (Chay Suede). Jovem, ela fica viúva em razão de um incêndio em sua casa e, por isso, agarra-se a ele intensamente, cuidando e cercando-o mesmo quando adulto. Thelma conhece Lurdes num incidente: aquela desmaia na rua e esta a ajuda levando-a ao hospital. Socorrida pela nordestina, fica sabendo que tem um aneurisma inoperável e pede para que Lurdes não conte para ninguém. Sua conduta com seu filho é, além da

excessiva proteção, de manter segredos e meias verdades.

Em razão do seu problema de saúde, decide que quer ser avó de um neto sangue do seu sangue e, para isso, fura os preservativos que Danilo usa com sua namorada, Camila, filha de Lurdes. Ela fica grávida, mas sofre um aborto espontâneo e, diante de complicações, não mais poderá engravidar. Thelma os convence a aceitá-la como barriga solidária para que possam ter um filho e, assim, as relações entre eles ficam ainda mais delicadas, dada a manipulação desmedida. Além disso, descobre-se que Danilo é adotado e o caminhar do enredo, no período final, revela que ele é o verdadeiro filho de Lurdes, Domênico, e no incêndio, Thelma perdeu o filho, além do marido.

As três personagens centrais, com características diferentes, desenvolvem em comum a ideia de um natural amor materno, acompanhadas de outros personagens femininos que também se encarregam de expressar a essencialização do papel das mulheres na sociedade. Exemplo disso é Nicete (Magali Biff), mãe de Betina (Isis Valverde) e Genilson (Paulo Gabriel). Em dado diálogo, ela se questiona se responsabilizando pelo sucesso da filha e pelo insucesso do filho, para, em seguida, com ódio, responsabilizar Verena (Maria) por ter desvirtuado seu filho, como se as mulheres seduzissem a tal ponto que os homens perdessem a razão, característica atribuída a eles como nata.²

Verena é casada com Álvaro (Irândhir Santos). Ela foi namorada de Genilson e, após o rompimento, ele a persegue e a estupra. Magno, filho de Lurdes, vê o ataque e interfere, salvando-a, mas, na luta corporal com Genilson, mata-o por acidente. Genilson tinha comportamento desviante e agressivo, mas a mãe protetora entende que foi Verena quem “virou sua cabeça”. Vale dizer que Verena, em razão do estupro, fica grávida, mas não conta para ninguém que o filho não é de Álvaro, assim como não questiona a existência de um bebê fruto de violência extrema. Tem-se, então, mais um exemplo do mito do amor materno.

Além disso, revela-se, no decorrer da trama, que Betina é irmã de Álvaro e, portanto, herdeira de metade da empresa PWA. Nicete engravidou do patrão, pai de Álvaro, e, apesar de ter recebido dinheiro para abortar, recusou-se em virtude do genuíno amor materno.

Interessante notar que as personagens mães mencionadas não necessariamente são casadas com os pais de seus filhos. As personagens principais namoram ou são cortejadas, como o caso da Lurdes, que tem dois pretendentes. No entanto, apesar do interesse em se relacionar amorosamente, a mensagem que vem sendo transmitida é que o amor de mãe é certo, infinito e capaz de sustentar as tradicionais e as novas configurações familiares, tema que sempre esteve na agenda política e que tem ganhado destaque nas duas últimas décadas.³ A

² Essa perspectiva de que mulheres são dóceis e naturalmente voltadas à maternidade com instinto para proteção e doação incondicional é comumente confrontada com uma outra perspectiva de que as mulheres são naturalmente perversas. É uma contradição interessante na sociedade burguesa que tem sido abordada por pesquisadoras e pesquisadores, mas extrapola o propósito deste artigo. Sobre este tema é possível

cf. Asfora (2012), Federici (2017), Badinter (1985) e Kehl (2016).

³ Como exemplo, pode-se citar que durante o processo eleitoral para a presidência em 2018, Hamilton Mourão, então candidato a vice, afirmou que famílias chefiadas por mulheres com pai ausente são fábricas de elementos desajustados. Jair Bolsonaro, ao ser eleito, criou o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos

existência da mãe e, conseqüentemente, de seu devotado amor seriam suficientes para a estabilidade de um grupo familiar, independentemente se tradicional ou não, afinal, como enuncia Elisabeth Badinter (1985), a maternidade supostamente traria à mulher um poder de compreender a vida, de amar incondicionalmente, “como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer.” (1985, p. 20).

Do enredo da novela, vê-se que o mote “tudo é incerto, menos o amor de mãe” abre espaço, capítulo a capítulo, para o tema do meio ambiente. Álvaro, o capitalista inescrupuloso, faz uso de qualquer medida, inclusive do homicídio, pela obtenção de lucro. Raul, o capitalista humanizado e sócio de Álvaro, tende a contemporizar e buscar medidas que dialogam com a lógica do desenvolvimento sustentável. Os temas apontados - relações familiares e meio ambiente - têm sido fortemente disputados pelos campos da política brasileira e, como salienta Maria Immacolata Vassallo de Lopes, “a TV capta, expressa e constantemente atualiza” (2003, p. 18) o que será veiculado. Nas palavras da autora, a telenovela funciona como uma “vitrine de consumo” ou um “painel de temas sociais.” (2003, p. 21). Em verdade, os meios de comunicação, em especial a televisão, disseminam informação e orientam ideologicamente, ainda que de forma implícita, formando identidades e subjetividades, a partir de seus interesses imediatos, uma vez que são veículos de propriedade de um grupo econômico.

Apresentado o fenômeno - o enredo de “Amor de mãe”, que tenta construir personagens mães, centrais ou laterais, com histórias, visões e condições de vida diversas, mas com a expressão da

naturalização do amor materno - convém indagar sobre o papel dos meios de comunicação na construção e reforço de estereótipos, especialmente, de gênero.

2. O papel da televisão e das telenovelas na sociedade brasileira: apresentação dessa problemática

Em pesquisa patrocinada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, Alberto Chong, Eliana La Ferrara e Suzanne Duryea (2008) revelam a influência das telenovelas brasileiras no planejamento familiar no que diz respeito à fertilidade. Em outra pesquisa, realizada em 2009, Alberto Chong e Eliana La Ferrara demonstram o impacto das telenovelas no Brasil em relação ao aumento, ou não, de divórcios. Os dois estudos mencionados centram-se em produtos oferecidos pela Rede Globo de Televisão.

Guardadas as especificidades de cada uma, ambas pesquisas revelam que a telenovela é onipresente em todas as classes sociais e que a televisão desempenha papel fundamental na circulação de ideias. Esses estudos sugerem que este produto, dadas estas características, tem potencialidade para promover políticas públicas a fim de transmitir mensagens sobre aspectos políticos, sociais e econômicos a baixo custo.

As novelas seriam, portanto, uma forma de educação informal “eficaz e poderosa.” (MORENO, 2012, p. 77). Owen Fiss, nessa esteira, reconhece a televisão como “o mais importante instrumento informal de educação do nosso sistema” (2005, p. 29-30) e, com isso, pode-se afirmar que as empresas de telecomunicação ocupam esse espaço, ensinando a respeito dos mais diversos assuntos, inclusive, maternidade e meio ambiente.

Humanos. Para uma leitura política-acadêmica sobre o tema cf. Correa (2018).

As telenovelas são veiculadas por meios de comunicação que, como o próprio nome diz, transmitem, comunicam e veiculam informações, ideias e conceitos. Entretanto, não se deve ver os telespectadores como receptores inertes, mas considerá-los como parte de um processo de comunicação que é “a via pela qual as interações se dão de forma recíproca e em múltiplos sentidos, a partir de regras e códigos nem sempre evidentes.” (COSTA, 2005, p. 289). É importante destacar: há atividade naqueles que participam da audiência, num movimento de adesão dos sujeitos, tanto masculinos quanto femininos, que dialogam com os produtos colocados à venda pelas empresas de mídia, que se valem do substrato social para promover a mencionada educação informal.

Pode-se dizer que os meios de comunicação são responsáveis por uma dupla mediação: a do discurso político e a relativa à própria realidade. Nesse sentido, Luís Felipe Miguel (2001) afirma que, especialmente no Brasil, o consumo de informação e de entretenimento dá-se pelos meios de comunicação em seus mais diversos veículos, mas, no entanto, ressalta que os telespectadores não são passivos nem teleguiados. Miguel (2001) crê que há seleção e interpretação acerca do que o espectador consome a partir daquilo que possui internamente para apreender e decifrar o mundo, mas destaca que a matéria prima é oferecida e organizada pelos meios de comunicação.

Merece realce o aspecto apontado por Miguel no sentido de que os cidadãos são ativos, mas sua matéria-prima de compreensão da realidade é, em regra, limitada àquilo que é fornecido pelos meios a que têm acesso. Tanto Miguel quanto Lopes reforçam essa perspectiva e asseveram que, diferentemente de

telenovelas produzidas em outros países,⁴ “as novelas brasileiras esforçam-se por se manter a par da realidade, abordando temas de relevância social, seja no âmbito dos costumes ou da política em sentido estrito” (MIGUEL, 2001, p. 19) no intuito de garantir “uma dinâmica constante de captação e transformação das representações” (MIGUEL, 2001, p. 21), ou seja, a fim de preservar o controle do discurso ideológico.

Reconhecendo-se que os meios de comunicação são atores políticos significativos, a mescla entre ficção e realidade exibida no produto telenovela é ingrediente para criação - ou confusão - da realidade em si. Vale lembrar que na novela “O Rei do Gado”, exibida em 1996, dois então senadores da República no mundo real, Eduardo Suplicy e Benedita da Silva, compareceram ao velório do senador Caxias, personagem de Carlos Vereza no mundo da ficção. Na novela “Amor de mãe”, Luciano Huck visitou a casa de Lurdes para convidar seu filho, Ryan, para ir ao Caldeirão do Huck, programa semanal da Rede Globo de Televisão.

Dentre o conjunto de meios de comunicação, sublinhe-se que a televisão ocupa um espaço excepcional na sociedade brasileira: apenas 2,8% dos domicílios no Brasil não têm televisor (IBGE, 2012). Em adição, saliente-se que é por meio da televisão que o brasileiro mais adquire informação. Eugênio Bucci admite que a TV é a “sede, por excelência, do que chamamos de espaço público” e para isso se realizar “o dueto entre ficção e jornalismo foi - e é - fator fundante.” (2004, p. 228). Considerando a televisão nessa perspectiva, “o debate

⁴ Ambos os autores mencionados lembram que novelas de outras nacionalidades, como as produzidas no México ou na Venezuela, dão ênfase a temas da esfera privada, como relações amorosas, ciúmes e traição.

em praça pública continua a ser algo importante, mas as mídias hoje representam a verdadeira ágora da sociedade.” (SANKIEVICZ, 2011: p. 43) e, em que pese o avanço do consumo de informações por meio da internet, é nela - a televisão - que as questões políticas e econômicas ainda são majoritariamente discutidas. E ela é, ainda, o espaço público por excelência.

Antes de prosseguir, cabe um aparte sobre crescimento do uso da internet, pois dados revelam o aumento de consumo de informação por este meio, principalmente, pelos mais jovens. No entanto, a particularidade brasileira se assenta na concentração dos meios de comunicação em mãos de pequeno número de grupos empresariais. O coletivo de comunicação *Intervozes*, em pesquisa realizada com *Repórteres sem fronteiras* sobre os meios de comunicação na América Latina, mostra que os 50 veículos de maior audiência no Brasil pertencem a pouco mais de 20 grupos empresariais. Na verdade, “a propriedade cruzada de meios de comunicação de diferentes tipos como televisão, jornais impressos, rádio e veículos on-line é uma dimensão central da concentração dos meios brasileiros.”⁵ (INTERVOZES; REPORTEROS SIN FRONTERAS, 2017). No caso da TV Globo, o Coletivo e o Repórteres esclarecem que os veículos da emissora estão em todos os nichos de mercado, pois além de dirigir a Rede Globo, líder nacional, a ela pertence a Globosat com canais pagos, inclusive de notícias 24h como a *GloboNews*. Além disso, tem alianças internacionais com importantes meios de comunicação, possui um dos maiores portais de notícias, tem duas

rádios de enorme alcance (Globo AM/FM e CBN), periódicos proeminentes como Crescer, Marie Claire, Negócios, Galileu, Casa, Vogue, Globo rural, entre outras, e, por fim, o resultado do relatório destaca que “tem uma das principais agências de notícias do país, a Agência O Globo (AOG). O Grupo Globo atua, além disso, em mercados como o fonográfico, cinematográfico e editorial.” (INTERVOZES; REPORTEROS SIN FRONTERAS, 2017).⁶

Vê-se que, ainda que se propague a ideia de que televisão tem perdido espaço para internet, na realidade, o conteúdo informacional e de entretenimento origina-se desses poucos grupos e, dessa forma, garante o **agendamento** do que é consumido. A teoria do agendamento (MCCOMBS, 2009) revela que são os meios de comunicação detentores desse poder que pautam o que é noticiado, divulgado, transmitido, veiculado, ou seja, vendido à população. Ainda que não haja inverdades, o modo como se constrói a narrativa e o tempo conferido a determinado tema e/ou acontecimento garantem o domínio ideológico nas mãos dos detentores do poder.

Feita essa observação com o fito de esclarecer o papel da televisão, vale retomar o tema central, a telenovela, que, como já afirmado, tem “uma penetração intensa na sociedade brasileira.” (LOPES, 2003, p. 18). Enfatiza-se que é um produto altamente rentável e com características muito similares a cada edição: núcleo rico e núcleo pobre que não vivenciam conflitos de classe, apenas tensões individuais; personagens cômicos e personagens altamente dramáticos; desentendimentos importantes em

⁵ No original: “la propiedad cruzada de medios de comunicación de diferentes tipos como televisión, impreso, radio y online es una dimensión central de la concentración en los medios brasileños.”

⁶ No original: “[...] tiene una de las principales agencias de noticias del país, la Agencia O Globo (AOG). El Grupo Globo actúa, además, en mercados como el fonográfico, cinematográfico y editorial.”

relacionamentos amorosos que tomam lugar de destaque na trama; final feliz para a maioria das personagens.⁷

Os conflitos existentes, como dito, são individuais e, em regra, são solucionados no último capítulo. É o produto telenovela que, há décadas, cria galãs e ninfetas, cria o que se denomina de *star system* (personalidades globais) e são essas personagens que influenciam a construção de subjetividades, tanto de homens quanto de mulheres, na vida real. São esses produtos que reiteradamente são colocados no cotidiano da vida de brasileiras e brasileiros e que simbolicamente permitem construção social das mulheres, assim como dos homens, essencializando papéis, naturalizando violências e definindo comportamentos.

Pierre Bourdieu alerta no sentido de que “a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação de realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão” (1997, p. 29) e desta maneira podem ser vistos os produtos exibidos como no caso sob exame, a novela “Amor de mãe”.

3. Reflexões sobre reprodução de papéis de gênero essencializadores pelos meios de comunicação

Como apontado anteriormente, a maternidade é um dos temas centrais da

novela “Amor de mãe” e o mote de divulgação, “tudo é incerto, menos o amor de mãe”, dialoga com a essencialização da mulher.

O modo como as personagens centrais são construídas permite, dessa forma, que Elisabeth Badinter seja trazida para o diálogo. A autora recusa a ideia de existência de natureza humana no sentido de que “a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina.” (BADINTER, 1985, p. 15). Ela defende que “o humano - no caso, a mulher - é um ser histórico, o único vivente dotado da faculdade de simbolizar, o que o põe acima da esfera propriamente humana” (BADINTER, 1985, p. 16) e segue a compreensão de que “o inconsciente da mulher predomina amplamente sobre os seus processos hormonais” (BADINTER, 1985, p. 16), é a construção sócio-histórica das mulheres que a faz mães, ou não; jamais uma condição inata.

A partir de uma longa digressão histórica, a autora estabelece a relação entre a consolidação do capitalismo, em meados do século XIX, com os papéis das mulheres que as limitam ao espaço do lar, numa conformação de família nuclear, como boa esposa e mãe dedicada, ideais burgueses por excelência. Ela questiona “por que razões a [mãe] indiferente do século XVIII transformou-se em mãe coruja nos séculos XIX.” (BADINTER, 1985, p. 19).

Badinter lembra que, desde a Idade Média, a influência cristã transforma os papéis de mulheres e homens na sociedade europeia, especificamente a francesa, com a qual a autora mais trabalha. Ainda que ela centre suas análises na França, e eventualmente na Inglaterra, seu texto é válido para o Brasil dado que o capitalismo é um modo de produção global e seus ideais foram transplantados para os demais países e

⁷ Fala-se em maioria porque há a tendência de punir mulheres que saíram do *script* como Amarilys Baroni (Danielle Winits) que foi punida com a solidão e Aline (Vanessa Giacomini) que morreu eletrocutada ao tentar fugir da prisão, ambas na novela “Amor à Vida”. Interessante que nesta mesma novela o personagem Félix (Matheus Solano) mesmo agindo de maneira extremamente perversa durante a maior parte da trama e sendo gay, orientação sexual altamente reprovável na sociedade brasileira, tem final feliz e de conciliação.

aclimatados a partir de suas especificidades. Ela destaca que, para as mulheres, mesmo sendo vítimas de determinadas violências, a questão da maternidade tinha outro espaço, diferente dos moldes vivenciados com a consolidação do capitalismo. Chorar pela morte de um filho em época anterior à estabilização desse modo de produção, por exemplo, pode ser comparado, na atualidade, a chorar pela morte de um animal de estimação. (BADINTER, 1985, p. 91).

Nesse período de grande transformação societal não mais havia a necessidade de formar súditos, mas a necessidade de produzir seres humanos para o processo de acumulação, mediado pelo Estado. A forma como se organizava a família e a maternidade passa, portanto, a ser tema de interesse público (BADINTER, 1985, p.146), pois, na verdade, “a criança, especialmente em fins do século XVIII, adquire um valor mercantil.” (BADINTER, 1985, p. 153). Como fazer para atender a essa demanda? Um dos instrumentos é a domesticação das mulheres transformando a ideologia dominante e responsabilizando a mulher pela construção da nova sociedade. Uma esposa virtuosa, consciente de seus deveres, é quem garante a glória da nação.⁸ (BADINTER, 1985).

Badinter afirma que “Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar.” (1985, p. 176). Em nome dos filhos, a mulher dá lugar à mãe e o educar “à

Jean-Jacques”⁹ passa a ser moda. (BADINTER, 1985, p. 214). Para Badinter, entre séculos XVIII e XIX, um novo modo de viver e de ser se desenvolve e se consolida, voltados para o privado, o interior e a intimidade “que conserva bem cálidos os laços afetivos familiares, a família moderna se recentra em torno da mãe, que adquire uma importância que jamais tivera.” (1985, p. 213).

Maria Rita Kehl (2016), assim como Badinter (1985), admite a ressonância de Rousseau até os dias atuais e lembra a imposição da domesticação da mulher para que ela cumpra seu papel “natural”: a maternidade. A modernidade desloca os papéis tanto para homens quanto para mulheres tornando-os antagônicos: “a feminilidade [passa a ser] um conjunto de atributos que a mulher precisa oferecer ao homem para sustentar, *nele*, a virilidade.” (KEHL, 2016, p. 147) (grifos no original). Nessa dicotomia, à mulher resta o papel de mãe e esposa, confinada na esfera privada e responsável pelo (in)sucesso dos membros do núcleo familiar.

Nessa nova configuração, o Estado no papel do professor, do juiz, do assistente social, do educador, do médico, e com a necessidade de preservar as vidas das crianças para que haja trabalhadores disponíveis, amplia a vigilância da família transformando o patriarcado familiar em patriarcado de Estado (BADINTER, 1985, p. 289), afinal, “a reprodução das relações de produção, objetivo último da classe dominante, não pode ser assegurada por uma simples operação técnica.” (ALTHUSSER, 1985, p. 105). O Estado, forma política do capitalismo (MASCARO, 2013, p. 63), deve assegurar a acumulação pela força,

⁸ Dharana Pérola Ricardo Sestini desenvolve o tema do papel da mulher como garantidora da glória da nação e da pátria ao revelar o papel da “mulher brasileira” na organização da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em março de 1964, e sua ação fundamental no golpe empresarial-militar de 1964. Cf. (SESTINI, 2008).

⁹ Em referência à obra de Jean-Jacques Rousseau “Emílio ou da Educação”.

dado o monopólio do uso da violência, e pela ideologia.

É o Estado que garante os instrumentos jurídicos para existência da propriedade privada e a exploração do trabalho pelo capital. Não é neutro, como o liberalismo propaga. É, em verdade, “um derivado necessário da própria reprodução capitalista” (MASCARO, 2013, p. 19) e, para que isso ocorra, são necessárias formas sociais, ou seja, “modos relacionais constituintes das interações sociais, objetificando-as. Trata-se de um processo de mútua imbricação: as formas sociais advêm das relações sociais, mas acabam por ser suas balizas necessárias.” (MASCARO, 2013, p. 21). Para Mascaro, “a forma-família estatui posições, papéis, poderes, hierarquias e expectativas” (2013, p. 21) e, assim, afeta a subjetividade de mulheres e homens.

As formas sociais são históricas, relacionais e advêm da materialidade da vida, a partir das relações concretas que, em seu processo de formação, funda-se em solo anterior, em constituições pré-capitalistas. Para Mascaro, “o Estado reconfigura todo esse complexo tecido social, reconstituindo a dinâmica de indivíduos, grupos e classes a partir da constrição da forma.” (2013, p. 65). Dito de outro modo, o Estado “se finca em tecidos sociais já existentes, ao mesmo tempo [que] reelabora e reconstitui a todos, ensejando outros.” (2013, p. 65). Adiante, Mascaro afirma que, no capitalismo, a forma-família, marcada por gênero e hierarquia, é retrabalhada, adquirindo “contextos específicos na dinâmica entre capital e trabalho. Os grupos sociais tradicionais – como a parentela – são dissolvidos em favor de um núcleo familiar plantado na vinculação entre homem e mulher.” (2013, p. 67).

Interessante ressaltar que Mascaro constrói seu argumento numa linha de

raciocínio aproximada de Badinter no que diz respeito à historicidade de papéis de gênero, no entanto, o aprofunda demonstrando a íntima conexão com a formação do capitalismo. Para a manutenção do sistema de produção pautado na hierarquização e na desigualdade, é preciso construir amálgamas ideológicas como o sexismo e o racismo.

Joachim Hirsch lembra que o Estado não só é centrado na força, como afirmado anteriormente, mas cumpre papel fundamental na edificação das identidades, também produto de relações capitalistas. Para o autor, as bases materiais e sociais para a construção da identidade nacional se ancoram nas relações econômicas, assim como no modo de socialização capitalista. Se povo e nação são criações desse período histórico, assim também são as relações de gênero (HIRSCH, 2010, p. 82) que, para ele, estão intimamente conectadas com a nacionalidade em razão dos aspectos simbólicos da sociabilidade e, por esse motivo, políticas públicas tendem a ser centradas na família, controlando e adestrando os corpos.

Maria Rita Kehl, trabalhando com a literatura do século XIX, afirma que as leitoras da época “dispunham do referencial produzido pelas próprias ‘novelas para moças’, [...], que, como as telenovelas da nossa época, ainda proveem a ‘educação sentimental’ das massas até hoje.” (2016, p. 133). A essencialização de papéis precisa reverberar, pelos mais diversos meios, a ponto de cristalizar nas subjetividades e isso é efetivado por políticas públicas e essencialmente pelos aparelhos ideológicos do Estado que, para Althusser, são “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.”

(1985, p. 68). Ele exemplifica mencionando as igrejas, as escolas, a família, o aparato jurídico, o político, os sindicatos, os dispositivos culturais e os meios de comunicação.

Considerando ideologia como “um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1985, p. 88), os meios de comunicação cumprem o papel de reproduzir a relação do ser humano com as condições materiais de existência; “é representado na ideologia não o sistema das relações reais que governam a existência dos homens, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais sob as quais eles vivem” (ALTHUSSER, 1985, p. 88) sem que, contudo, a ideologia perca a sua existência material. A ideologia é, dessa forma, “a representação da relação que temos com as relações concretas.” (ALMEIDA, 2018, p. 51).

Vale citar, mais uma vez, a análise de Mascaro por afirmar que meios de comunicação e Estado se retroalimentam porque os agentes são “talhados ideologicamente no mesmo todo social” (2013, p. 47) e, deste modo, “o patriarcalismo da sociedade se reflete e é retrabalhado no aparato político. As relações de gênero e raça estão no torvelinho da constituição e da presença do Estado.” (2013, p. 47).

Em geral, os indivíduos, isoladamente, podem se julgar fora do alcance da ideologia, no entanto, todos estão interpelados por ela a partir do trabalho dos aparelhos ideológicos mencionados anteriormente e, assim, os meios de comunicação exercem esse papel na difusão ideológica do modo de ser e de viver. No caso estudado neste artigo, essa difusão se mostra no modo de ser mulher e, principalmente, na naturalização do instinto materno.

Da mesma forma, o papel do Estado, que se revela fundamental para a sedimentação das desigualdades de todas as espécies, e, especificamente, as relações de gênero pautadas na hierarquização de papéis e na construção ideológica do instinto materno - constitutivas da formação do modo de produção capitalista - são reforçados pela telenovela “Amor de mãe”.

Iaconelli, (2015), com reflexões aproximadas às de Kehl (2016) e às de Badinter (1985), problematiza o assujeitamento das mulheres ao determinismo biológico. Iaconelli (2015) entende que é preciso levar em conta o processo psicossocial de construção do ser mãe, pois a gestação e consequente parto e nascimento com vida não criam um sujeito-mãe.

A problematização trazida neste artigo é o papel dos meios de comunicação na reprodução da suposta existência do instinto materno e na redução do humano mulher à sua perinatalidade, ou seja: à condição de conceber, gestar, parir e aleitar. Mesmo que se saiba que há terreno fértil na sociedade para o oferecimento de produtos como as telenovelas, ressoando valores e comportamentos já existentes, necessário dizer que, cumprindo seu papel de aparelho ideológico, os meios de comunicação de massa reforçam e perturbam o sujeito da ação humana em sua capacidade de pensar e refletir criticamente sobre a própria existência. Isso não ocorre num movimento uni ou bilateral, mas num movimento dialético em que diversas categorias, sujeitos e instituições, operam para reprodução do capital.

Considerações finais

O professor Ciro Marcondes lembra que “a televisão espetaculariza todos os acontecimentos [sendo] esse seu modo de

transmitir o mundo para o mundo” (1988, p. 41) e que o fascínio dela reside na “tensão entre momentos de fantasia liberada e o restabelecimento do esquema da ordem,” (1988, p. 40), ou seja, nesta mescla de realidade e ficção nas telenovelas, a volta à ordem é uma espécie de “solução final”.

A partir do exposto neste artigo, percebe-se que a televisão tem reproduzido estereótipos e vem sendo um meio de manutenção de valores burgueses. Marcondes assevera que “não devemos nos iludir: todos os meios de comunicação antes confirmam do que alteram as opiniões gerais e refletem as normas sociais. Em ambos os casos, atuam como **força conservadora**.” (1988, p. 28) (grifo nosso).

O Estado, forma política do capitalismo, viabiliza e necessita de formas sociais conformadoras da subjetividade humana para garantir o processo de produção e de reprodução do capital e, para isso, faz uso de seus aparelhos ideológicos, para os quais, no caso das relações de gênero, família e escola são fundamentais. Nesta oportunidade, escolheu-se dar ênfase aos meios de comunicação e, em especial, às telenovelas, a fim de pensar o modo como se constrói, se reproduz e se perpetua o instinto materno, designação ideologicamente orientada que, na prática, é uma “fabulosa pressão social para que a mulher só possa se realizar na maternidade.” (BADINTER, 1985, p. 355).

A sociedade burguesa, *locus* dos preceitos modernos pretensamente universais da liberdade e da igualdade, contraditoriamente, erigiu-se sob o pilar de que o sujeito mulher, ao tornar-se mãe, alcança seu destino, seu ponto de chegada. Esta redução, no entanto, não atinge somente as mulheres, mas a sociedade como um todo, posto que reduzida a mulher/mãe, reduz-se

homem/pai e, portanto, filhos destes sujeitos.

No capítulo 66 da telenovela, Lurdes declara à sua filha Érica: “mãe ama”. A ausência de complementação na frase significa dizer que o sujeito que ama, a mãe, está completo por sua condição. É dizer que a ação de amar, quando praticada pela mãe, é verbo intransitivo. Mas, em verdade, “o amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito.” (BADINTER, 1985, p. 22). Reconhecer a multiplicidade e complexidade do ser social, de homens e mulheres, é o caminho de saída deste labirinto chamado capitalismo-modernidade.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ASFORA, Wanessa. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: a herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 39, p. 431-445, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n39/15.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de Waltensir Dutra.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CHONG, Alberto; LA FERRARA, Eliana. Television and Divorce: Evidence from Brazilian Novelas. **Research Department Working Papers**, Washington, p.1-17, 2009. Disponível em:

<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=1856109>. Acesso em: 02 mar. 2020.

CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, p. 1-16, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200401. Acesso em: 04 abr. 2021.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2005.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FISS, Owen. **A ironia da liberdade de expressão**: Estado, regulação e diversidade na esfera pública. Trad. Gustavo Binenbojm e Caio Mario da Silva Pereira Neto. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

HIRSCH, Joachim. **Teoria materialista do Estado**: processos de transformação do sistema capitalista de Estado. Tradução Luciano Cavini Martorano. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade**: do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume, 2015.

IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios**: Síntese de Indicadores 2011. Rio de Janeiro: Ibge, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/li61566.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

IBOPE INTELIGÊNCIA (Brasília). Secretaria de Comunicação Social (Secom). **Pesquisa Brasileira de Mídia - 2016**. 2016. Disponível em: http://dadosabertos.presidencia.gov.br/dataset/f4fc01c9-60f6-4ec8-841a-eaf76ed37bf9/resource/6eb83547-3769-42c4-9920-e42e269554ad/download/prataprivado_secomsipo_p1.-pesquisasdados-abertos2016f2fpesquisa-brasileira-de-midia-2016relatori.pdf. Acesso em: 31 mar. 2021.

INTERVOZES. REPORTEROS SIN FRONTERAS. **La hegemonía de la concentración sin límites**. 2017. Disponível em: <http://brazil.mom-rsf.org/es/hallazgos/concentracion/>. Acesso em: 07 mar. 2020.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LA FERRARA, Eliana; CHONG, Alberto; DURYEA, Suzanne. **Soap Operas and Fertility: Evidence from Brazil**. **Research Department Working Papers**, Washington, p.1-45, 2008. Disponível em: <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=1856122>. Acesso em: 02 mar. 2020.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 26, p.17-34, 2003. Quadrimestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009. Trad. Jacques A. Wainberg.

MIGUEL, Luís Felipe. Meios de comunicação de massa e política no Brasil. **Diálogos Latinoamericanos**, Aarhus/Dinamarca, v. 3, p.43-70, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16200302.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MORENO, Raquel. **A imagem da mulher na mídia**: controle social comparado. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Amor de mãe**. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/amor-de-mae/>. Acesso em: 02 mar. 2020

SANKIEVICZ, Alexandre. **Liberdade de expressão e pluralismo**: perspectivas de regulação. São Paulo: Saraiva, 2011.

SESTINI, Dharana Pérola Ricardo. **A “mulher brasileira” em ação**: motivações e imperativos para o golpe militar de 1964. 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Recebido em 2020-12-14
Publicado em 2022-01-01